



Pesquisa, Teoria e Metodologia

## Revisitando a tese: Sexualidades femininas e prazer sexual - uma abordagem de gênero<sup>1</sup>.

*Revisiting the thesis: Sex and pleasure among females: some considerations about gender approach.*

Olga Regina Zigelli Garcia<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Trata-se de um ensaio resultante de uma visita a uma tese de doutorado defendida pela autora em 2007, no qual a mesma faz um novo recorte em seu trabalho de análise sobre sexualidades femininas e prazer sexual. No novo recorte a autora deteve-se apenas nas diferenças entre os relatos de práticas homo e heterossexuais das mulheres, ainda com uma abordagem de gênero. Com este novo olhar constata que sua tese apontava, já em 2007, mas não enfatizava, que mulheres com práticas homossexuais têm menos problemas sexuais do que aquelas com práticas heterossexuais. Esta mesma constatação foi amplamente divulgada nos meios científicos e midiáticos pelo Instituto Kinsey em 2014 a partir de uma pesquisa por este renomado Instituto realizada que constatou que lésbicas chegam com mais facilidade ao orgasmo com suas parceiras do que as mulheres heterossexuais. A congruência do estudo da autora com o realizado pelo Instituto Kinsey leva a mesma a refletir que precisamos enquanto academia, resgatar o nosso poder de gerar e não apenas sistematizar novos conhecimentos. Por fim, constata ainda a autora que, passados 10 anos de seu primeiro estudo, o relato das práticas sexuais das mulheres se mantém, evidenciando que o exercício da sexualidade pelas mulheres com práticas heterossexuais ainda é permeado por conflitos originados nas questões relativas às construções de gênero, à identidade e à sua visão heteronormativa, apesar de ser inegável que na atualidade vivemos um incessante estímulo à expansão do desejo sexual e a busca da liberdade individual, contexto esse que continua conferindo as mulheres com prática homossexual maior nível de satisfação sexual.

**Palavras Chave:** Sexualidade. Mulheres. Gênero

**Abstract:** It's an paper revisited of the Phd Thesis defended by the author in 2007, in which she makes a new cutting in her work analysis on feminine sexualities and sexual pleasure. On the new cutting the author focused only on the differences between the reports of homo and heterosexual practices of women, still with a gender approach. With this new look the author verifies her thesis, already in 2007, but it did not emphasize, that women with homosexual practices have less sexual problems than those with heterosexual practices. The same finding was thoroughly published in the scientific and mediatic ways by Kinsey's Institute in 2014 starting from a research from this reputed Institute that verified that lesbians come to orgasm easier with their partners than heterosexual women. That consistency of the author's study with the one fulfilled by Kinsey's Institute takes the author to contemplate that we need while academics, to rescue our power to generate and not only systematize new knowledge. Finally, the author still verifies that, after 10 years of her first study, the report of women sexual practices stays, evidencing that the exercise of sexuality for women with heterosexual practices is still permeated by conflicts originated in the relative subjects to the gender constructions, to the identity and her heteronormative view, although being undeniable that at the present time we live an incessant incentive to sexual desire expansion and the search of the individual freedom, context that continues checking women with homosexual practice higher level of sexual satisfaction.

**Keywords:** Sexuality. Women. Sexuality.

<sup>1</sup> Ensaio elaborado a partir de uma visita a Tese de Doutorado defendida pela autora em 2007.

Ao se aprofundar nos estudos sobre a sexualidade humana, há que se considerar que o seu estudo aponta para a construção, ao longo da história, de entendimentos unívocos que buscaram a correspondência entre sexo biológico e gênero social entendida como coerência da identidade de gênero. Nesta ótica, para as mulheres, é esperado um comportamento sexual único, ou seja, uma determinada maneira de vivenciar o prazer sexual considerada "tipicamente feminina". Entendo que esta concepção sobre o comportamento sexual "tipicamente feminino" está alicerçada em pressupostos historicamente construídos e difundidos em relação à sexualidade da mulher que ainda continuam sendo geralmente aceitos como verdades.

Buscando desvelar o quanto esta concepção interfere na sexualidade das mulheres, em 2007, defendi minha tese intitulada: *Sexualidades femininas e prazer sexual: uma abordagem de gênero*, utilizando a análise de conteúdo (proposta por Bardin), dos testemunhos registrados durante minha prática profissional em 357 consultas de enfermagem em sexualidade realizadas entre 1993 e 2003, em Florianópolis, Santa Catarina. Esta análise foi feita em uma perspectiva interdisciplinar, a partir das contribuições de diferentes tendências e correntes sobre sexualidade e gênero, que forneceram subsídios teóricos para refletir sobre a sexualidade feminina na contemporaneidade. Neste estudo analisei os relatos sobre práticas sexuais, obtidos nas consultas, em três diferentes grupos de mulheres: com relatos de prática heterossexual; bissexual e homossexual, destacando os seguintes aspectos: as relações entre gênero e sexualidade; a identidade e diversidade sexual, as práticas homoeróticas e os estudos da sexologia.

Ao analisar os dados de minha pesquisa constatei que as mulheres enfrentavam (e continuam enfrentando) dificuldades para vivenciarem uma vida sexual prazerosa na medida em que, apesar das conquistas feministas do século XXI, perduram as assimetrias de gênero. Tal constatação se deve ao fato do exercício da sexualidade, majoritariamente o das mulheres com relato de prática heterossexual, ter se mostrado permeado por conflitos originados nas questões relativas às construções de gênero e identidade, a falta de conhecimento sobre o corpo e à visão heteronormativa incapaz de transcender a dualismos. Por outro lado, outras mulheres, a despeito de terem consciência da diversidade sexual humana, não conseguiam, da mesma forma, apropriar-se de sua sexualidade<sup>1</sup>.

Apesar dos dados da pesquisa apontarem diferenças discrepantes, relativas à prática sexual entre mulheres com prática hetero e aquelas com prática homossexual, em minha tese elas só foram apresentadas na forma de dados e algumas inferências, sem dar destaque para a diferença. Os resultados apontaram que, entre outros, as mulheres homossexuais tendem a ter mais facilidade de orgasmo, se comunicam mais com suas parceiras sexuais, conhecem mais as partes do corpo que lhe dão prazer e se sentem mais protagonistas em relação a vivência de sua sexualidade, o que as leva a ter menos problemas sexuais. Contudo esse não foi o destaque de minha tese e sim a influência das assimetrias de gênero na sexualidade das mulheres.

Hoje penso que a inspiração de Ganguilhem<sup>2</sup> e outras/os autoras/es, me levou a inferir que o levantamento das frequências de comportamentos das mulheres que procuraram consulta de enfermagem em sexualidade só revela as possibilidades do humano, desde as mais usuais até as mais raras, apontando para a diversidade sexual humana. Com o olhar de hoje, quase 10 anos depois da defesa da tese, vejo também que, apesar do alerta de orientadoras, à época me pareceu ousado demais, afirmar o que meu estudo apontava: que as mulheres homossexuais têm uma vida sexual mais prazerosa do que as heterossexuais.

Em 2014, mas precisamente em setembro, tomei conhecimento da pesquisa realizada e publicada no *Journal of Sex Medicine* pelo Instituto Kinsey, na qual foram entrevistadas 1.353 mulheres e se constatou que as mulheres lésbicas chegam com mais facilidade ao orgasmo com suas parceiras do que as mulheres heterossexuais. Perguntadas com que frequência chegavam ao orgasmo com o parceiro 61,6% das mulheres heterossexuais respondeu afirmativamente. Este número subiu para 74,7% entre as homossexuais levando os pesquisadores a postular que este aumento na percentagem dos orgasmos entre as lésbicas poderia indicar que elas são mais familiarizadas com o corpo feminino, sendo mais capazes de induzir suas parceiras ao orgasmo. Para além disso, levaram também em consideração a atitude em relação ao gênero, papéis sexuais durante a relação sexual, duração do encontro sexual e possíveis diferenças hormonais. A hegemonia da penetração vaginal em detrimento da

estimulação clitoriana nas relações heterossexuais também foi apontada como possível causa da diminuição da frequência do orgasmo entre as mulheres com prática heterossexual<sup>3</sup>.

Ao me deparar com esta pesquisa imediatamente pensei: mas minha tese já dizia isso em 2007! (não tão diretamente é verdade). Resolvi fazer então um novo recorte e fazer um levantamento das diferenças entre alguns aspectos da prática sexual relatada por mulheres hetero e homossexuais, (desta vez excluindo as mulheres com relato de prática bissexual) que apresento a seguir, em forma de tabela:

**Tab. 1 - Diferenças entre prática sexual de mulheres hetero e homossexuais**

ITEM OBSERVADO	MULHERES HETEROSSEXUAIS	MULHERES HOMOSSEXUAIS
Motivação para atividade sexual	Amor	Amor associado ao tesão
Sexo como fonte de prazer e satisfação	Não, para maioria	Sim, para maioria
Homens e mulheres têm a mesma necessidade de sexo	Não, para maioria	Sim, para maioria
Centralidade do sexo vaginal em sua prática sexual	Sim, para maioria	Não, para maioria
Há uma distância entre as orientações da religião os desejos e a prática sexual	Sim, para maioria	Sim, para maioria
Abandono da religião por não encontrar acolhimento	Não	Sim
A prática sexual dissonante dos preceitos religiosos é fonte geradora de tensão, sentimento de culpa	Sim	Sim
Dificuldade em atingir o orgasmo	Sim, para maioria	Não, para maioria
Dificuldade em comunicar o que gosta sexualmente	Sim, para maioria	Não, para maioria
Facilidade em tomar a iniciativa sexual	Não, para maioria	Sim para maioria
Necessidade de estimulação clitoriana e de maior tempo de preliminares	Sim, para maioria	Sim, para maioria
Preliminares tendem a ser mais curtas ou por vezes inexistentes na prática sexual	Sim, para maioria	Não, para maioria
Fim da prática masturbatória na conjugalidade	Sim, para maioria	Não, para maioria
Para alcance do orgasmo é necessária estimulação clitoriana	Sim, para maioria	Sim, para maioria
Parceiras/os não se dedicam às preliminares, não respeitam o tempo de excitação da mulher	Sim, para maioria	Não, para maioria
Homossexualidade não é doença, mas incomoda, a forma pela qual a sociedade a encara	Não	Sim, para maioria
Sexualmente a mulher deve ser passiva	Sim	Não
A mulher precisa de homem para se satisfazer sexualmente	Sim, para maioria	Não
O sistema classificatório, no que diz respeito às práticas sexuais, não faz sentido, mas sim o prazer, o gozo e a vivência satisfatória da sua sexualidade	Não, para maioria	Sim, para maioria

Fonte:<sup>1</sup> (Dados da autora)

Como se pode perceber, os dados levantados em minha tese vão ao encontro do estudo feito pelo Instituto Kinsey e permitem as seguintes conclusões em relação às mulheres:

- a) **Heterossexuais:** são mais enquadradas pelas normas de gênero; têm em sua prática sexual, a hegemonia da penetração vaginal como definidora da heterossexualidade; tendem a vivenciar mais problemas em sua prática sexual; vivenciam um conflito entre o *script* sexual e seu desejo sexual, uma vez que em todas as falas a hegemonia da penetração vaginal e a necessidade de estimulação clitoriana e de maior tempo de preliminares foi marcante; em sua prática sexual as preliminares tendem a ser mais curtas ou por vezes inexistentes; têm visão da sexualidade como domínio do masculino; abdicam da prática masturbatória quando em conjugalidade; quando se queixam de baixa libido, tendem a ter parceiros que não se dedicam às preliminares, não respeitam o tempo de excitação da mulher ou que encerram o ato sexual concomitantemente com a ejaculação; têm a crença de que a mulher sexualmente deva ser passiva; acreditam que a mulher precise de homem para se satisfazer sexualmente.
- b) **Homossexuais:** tendem a fugir ao padrão tradicional esperado para mulheres; tendem a abandonar a religião por não encontrar espaço nas doutrinas religiosas; sentem-se com maior abertura para verbalizar seus desejos/necessidades sexuais; tomam mais a iniciativa sexual; tendem a ter uma visão mais individualista, na medida em que não concebem a atividade sexual como inerente somente ao casal, permitindo-se viver experiências sexuais que percebem como uma liberação propiciadora de individuação; não se vêem como patológicas, mas se sentem incomodadas com os estigmas sociais referentes à homossexualidade; tem o entendimento de que o sistema classificatório, no que diz respeito às práticas sexuais, não faz sentido, mas sim o prazer, o gozo e a vivência satisfatória da sua sexualidade.

Independentemente da prática sexual relatada, todas afirmam precisar da estimulação direta ou indireta do clitóris para o alcance do orgasmo. Sobre esta necessidade comum, tanto de mulheres com prática homo como heterossexual, trago aqui uma fala de Tania Navarro Swain<sup>4</sup> que, julgo nos fornece um “outro olhar”:

O ponto G, nova descoberta “científica”, seria mais uma justificativa para a falta de orgasmo feminino na relação heterossexual: muito escondido, inexistente, mal colocado, a culpa da ausência de prazer seria mais uma vez da própria mulher, de sua constituição defeituosa. Não de uma relação precariamente vivida, em que a penetração é o signo e a realização sexual. Por que o obscurecimento do clitóris? Por que a ênfase à vagina? A resposta a estas questões é quase ociosa: o prazer que se contempla é o masculino<sup>4:85</sup>

Importante salientar que esta visão do sexo masculino como detentor da sexualidade foi culturalmente construída ao longo dos anos, sendo que a centralidade do sexo vaginal na relação com homens deve-se ao fato desta técnica sexual (penetração) ser definidora da heterossexualidade. Sendo assim, nas relações heterossexuais, o intercurso vaginal permanece soberano, o que Heilborn ET AL (2006.)<sup>4</sup> denominaram de hegemonia da penetração vaginal como prática sexual.

Faço aqui dois destaques: o primeiro diz respeito ao fato destas conclusões fazerem parte do trabalho original (tese), porém diluídas na conclusão do estudo, falando da diferença entre as duas práticas sexuais (homo e heterossexual) sim, mas sem destacá-la como marcador importante na qualidade da vida sexual das mulheres. Interessante perceber que só a partir de uma pesquisa do renomado Instituto Kinsey, senti “coragem” de publicizar estas diferenças como marcadoras da qualidade de vida sexual das mulheres. Este fato me faz pensar que precisamos enquanto academia, resgatar o nosso poder de gerar e não apenas sistematizar novos conhecimentos.

O segundo destaque importante é dizer que após minha tese, continuei meus atendimentos em consulta de enfermagem em sexualidade até os dias atuais<sup>2</sup> e não há mudanças significativas no perfil, nem tampouco nos relatos das mulheres sobre sua sexualidade, apesar de já terem decorridos mais de 10 anos da coleta de dados, que foi realizada até 2003. Ou seja, as diferenças entre as práticas homo e heterossexuais das mulheres se mantém, apesar de ser inegável que na atualidade vivemos um incessante estímulo à expansão do desejo sexual e a busca da liberdade individual, que levou Michel Foucault a considerar que o mundo moderno tem sido regido por um dispositivo de sexualidade, ou seja, uma rede de investimentos de toda ordem que trazem ao centro social o sexo e a sexualidade.

Tal contexto me leva a afirmar que, apesar dos movimentos de avanços e recuos na história da humanidade que nos permitiram chegar ao século XXI em uma condição emancipatória que nos possibilita (re) discutir e rever, entre muitas demandas humanas, a condição da sexualidade, tanto a (re)visita a minha tese de doutoramento, quase 10 anos após, como as consultas de enfermagem a ela subseqüentes ainda sugerem que o exercício da sexualidade pelas mulheres com práticas heterossexuais continua sendo permeado por conflitos originados nas questões relativas às construções de gênero, à identidade e sua visão heteronormativa. Os relatos continuam a evidenciar o quanto a criação da norma institucional do coito regular continua levando os corpos femininos a serem delimitados em suas práticas sexuais, através de ritos de iniciação e interdições, definindo sua mobilidade, suas preferências e a erotização em torno do masculino. Reproduzo aqui o que já escrevi em 2007 como uma das conclusões de minha tese:

Sublinho ainda que, quase meio século depois dos anos 60 do século XX, reconhecidos pelos movimentos de libertação sexual (e social) das mulheres e homossexuais, observei, nos relatos das mulheres atendidas, que não houve mudanças significativas na afirmação da sua individualidade sexual, dos seus gostos e preferências eróticas<sup>2:17</sup>

O mesmo não se pode dizer das mulheres com prática homossexual, tanto a (re)visita a minha tese, quanto as consultas de enfermagem à ela subseqüentes, confirmam os achados da

<sup>2</sup> Trabalho de extensão universitária onde foram atendidas entre 2008 – 2015, 325 mulheres.

pesquisa do Instituto Kinsey e indicam que as mulheres com prática homossexual (considerem-se elas lésbicas ou não), ao se despirem dos estereótipos de gênero, buscam romper com o modelo a ser seguido *“não havendo uma receita, não havendo mistérios e sim uma busca do conhecimento do próprio corpo que é utilizado no prazer de outrem e de si mesmo”*.<sup>5:68</sup>

Cabem aqui alguns questionamentos: De quais estereótipos de gênero as mulheres lésbicas estão se despindo? Com quais papéis sociais rompem? Quais estão assumindo? Em quais condições elas conseguem despir-se dos estereótipos de gênero?

Entendendo que responder a estes questionamentos exige uma nova pesquisa, gostaria de, por fim, dizer que falar da sexualidade feminina vai muito além de falar de mulheres hetero e/ou homossexuais. Ficar neste binarismo é desconsiderar as outras possibilidades, possibilidades estas que têm levado as últimas pesquisas a falar em sexualidades no plural, pois plurais são as possibilidades do humano.

Apesar de a sexualidade estar, na maioria das vezes condicionada por constrangimentos e demarcações sociais e culturais, temos observado nos últimos anos, mulheres que buscam romper com este binarismo, na busca de um *“livre exercício da atividade sexual”*.<sup>6:361</sup>

Neste cenário tenho atendido em minhas consultas mulheres transsexuais, panssexuais e também aquelas que auto-definem como transsexuais agênero ou não binárias ou ainda como assexuais. Elas estão aí no mundo, ganhando visibilidade. Elas nos fazem confrontar nossa linguagem materna sobre sexualidade, desestabilizando nossas certezas, nos apontando novas possibilidades, outras maneiras de ser/estar mulher no mundo.

## Referências Bibliográficas

1. Garcia ORZ. (Tese) Sexualidades femininas e prazer sexual: uma abordagem de gênero. Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
2. Canguilhem G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
3. Garcia JRMS, Lloyd EA, Wallen K, Fischer HE. Variation in Orgasm Occurrence by Sexual Orientation in a Sample of U.S. Singles. *Jorn. Sex. Med.*, November 2014; v. 11, p 2645-3652.. doi: 10.1111/jsm.12669. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jsm.12669/abstract>> Acesso em 10/01/2015.
4. HEILBORN, Maria Luiza. Experiência da Sexualidade, Reprodução e Trajetória Biográficas Juvenis. IN: HEILBORN, Maria L; AQUINO, Estela M. L; BOZON, Michel e KNAUTH, Daniela R. *O aprendizado da Sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.
5. Swain TN. O que é lesbianismo. São Paulo: Brasiliense, 2000.
6. Heilborn ML, Cabral C, Bozon M. Valores sobre sexualidade e elenco de Práticas: tensões entre modernização diferencial e lógicas tradicionais. IN: Heilborn ML; Aquino E; Bozon M; Knauth D. *O aprendizado da Sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006

---

Artigo Recebido: 08.05.2016

Aprovado para publicação: 09.06.2015

### **Olga Regina Zigelli Garcia**

Centro de Ciências da Saúde  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Campus Universitário - Trindade  
CEP: 88040-970 Florianópolis, SC – Brasil  
Email: [zigarcia@gmail.com](mailto:zigarcia@gmail.com)

---